

ABRIGA DO RAPA COM O CAMELÔ

AUTOR: GONÇALO FERREIRA DA SILVA



ERIVALDO

A BRIGA DO "RAPA" COM O CAMELO

Gonçalo Ferreira da Silva

Severino Cana Brava
natural de Itabaiana
na Paraíba do Norte
é um sujeito bacana
mas deixando o velho norte
para tentar melhor sorte
por pouco não entra em cana.

Severino era um sujeito
querido em todos os cantos,
deixava as "gatinhas" tontas
Com galanteios e encantos.
Severino Cana Brava
quando falava lembrava
um futuro Silvio Santos.

Assim foi fácil ele mesmo
descobrir que no chão duro
do sertão da sua terra
não tinha nenhum futuro.
Numa noite de verão
arrumou o matulão
saindo ainda com escuro.

Chegando ao Rio de Janeiro
foi trabalhar de ajudante
de pedreiro numa obra
mas pensava todo instante:
quando eu tiver boa quantia
vou comprar mercadoria
pra trabalhar ambulante.

Com pedaços de sarrafos
 fez uma banca, ligeiro,
 quando recebeu na sexta-
 feira o primeiro dinheiro
 o machão de Itabaiana
 chegando em Copacabana
 instalou seu tabuleiro.

Um camelô perto dele
 já na profissão antigo
 disse: — Na arte eu sou velho
 e agora sou seu amigo,
 entendo muitos assuntos
 e nós trabalhando juntos
 não conhecemos perigo,

Severino Cana Brava
 disse: — É o seguinte, irmão,
 não vim aqui pra dar mole,
 sou natural do sertão,
 eu não dou rasteira sem sapo
 e você, pelo seu papo
 é da mesma opinião.

Eles vendiam baralhos
 da marca "Sarapati"
 — Um é cem, três é duzentos,
 um pro cavalheiro aqui,
 um pra moça da revista,
 o da camisa de lista
 está pedindo um ali.

Formou grande multidão
em torno do vendedor,
por sentir reconhecidos
seu talento e seu valor
Severino repetia:

— Meu povo, a mercadoria
dá pra todos,* por favor.

Sabendo que amanhã
seria um belo domingo,
e como a mercadoria
de fato já estava um pingo
fez sinal para o parceiro
que fosse muito ligeiro
pegar baralho no gringo.

O camelô falou logo
com o gringo no sobrado
que os baralhos que eles
à praça tinham levado
não foram suficientes
para atender os clientes
tinha o estoque esgotado.

Bolas de supermercados
foram providenciadas
depois, cuidadosamente
a Severino enviadas
enquanto ele na praça
brincava e fazia graça
com lorotas e piadas.

Na primeira carta, tinha
 uma moça bem vestida
 na outra, só de bermuda,
 na outra, logo em seguida
 que era a terceira carta
 só de biquini, e, na quarta
 completamente despida.

Era aquilo, exatamente,
 que o pessoal gostava,
 quanto mais abria as cartas
 mais emoção encontrava,
 mostradas pelo artista
 e grande propagandista
 Severino Cana Brava.

A Praça dos cearenses
 ou Carzedo Correia,
 reduto dos nordestinos
 encontrava-se tão cheia
 que não tinha quem julgasse
 que aquilo terminasse
 numa batalha tão feia.

Um camêlo carioca
 bem conhecido na Lapa
 disse para um vendedor
 de aluá e garapa:
 — Seguinte, meu companheiro
 arruma teu taboleiro
 porque aí vem o "rapa".

A notícia que o "rapa"
chegou foi tomando vulto,
Severino disse logo
já no meio do tumulto:
— O maldito deste "rapa"
hoje vai entrar no tapa,
pra casa eu não levo insulto.

Quanto o "rapa" aproximou-se
foi declarando arrogante:
— Não permito mais na praça
qualquer tipo de ambulante
ainda mais camelô
que quer criar bololô
se fazendo de importante.
...Vamos lá arruma as malas,
acabou-se a brincadeira,
a sua mercadoria
e também sua carreira
estou no firme propósito
de levá-las pro depósito
lá na Praça da Bandeira.

Severino calmamente
disse: — Vossa senhoria
já acabou de falar?
disse tudo o que queria?
queira, pois acreditar
que o senhor não vai levar
a minha mercadoria.

O "rapa" ao ouvir aquilo
consultou seu ajudante,
a multidão ensaiou
vaia desmoralizante
mas o "rapa" também era
uma verdadeira fera
e falou desafiante.

— Meus punhos até aqui
têm sido compreensivos
pois não atenderam ainda
aos impulsos instintivos
prestem homenagem a eles
pois graças à calma deles
vocês continuam vivos.

Severino Cana Brava
tomou uma decisão:

— Senhores que estão presentes
sou um homem do sertão,
sou pau pra todo instrumento
deixem que só eu enfrento
este "rapa" valentão.

Dizento isto, com o dedo
grande do pé chegou junto
ao chão e fez logo um risco
dando por findo o assunto:

— Deste risco para lá
és homem e dele pra cá
um miserável difunto.

O "rapa" apagou o risco
sem temer qualquer perigo
e pentrou frontalmente
no terreno do inimigo.
OuvIU-se de Severino
um palavrão nordestino
que não se diz com amigo.

Os dois ali se agarraram
com o maior desatino
todos querendo a vitória
do camelô nordestino.
O ajudante, coitado
também se viu obrigado
a torcer por Severino.

Um detalhe curioso:
ninguém queria apartar
pois todos queriam ver
a luta continuar
enquanto os que duelavam
também não manifestavam
vontade alguma em parar.

O rosto do "rapa" estava
ensanguentado demais,
e recebia uma chuva
de pontapés magistrals,
a camisa era uma tanga,
a calça uma ciricanga
que já não prestava mais,

Quando o "rapa" despertou
do castigo recebido
estava num hospital
tão mortalmente ferido
que da enfermeira indagou:
— Que dia é hoje? Onde estou?
que ano fui socorrido?

Dois anos depois o "rapa"
teve recuperação
e logo se dirigiu
à sua repartição.
Para evitar pior mal
nunca mais quis ser fiscal
solicitou demissão.

Severino Cana Brava
tranquilo bebia garapa,
Na feira de São Cristóvão,
com um camelô seu chapa,
comia churrasco no espeto
enquanto lia o folheto
da briga dele com o "rapa".

fim fev. 88

8767

**** VISITEM A EXPOSIÇÃO ****

LITERATURA VIVA

DO POETA

Gonçalo Ferreira da Silva

**NA FEIRA NORDESTINA DE SÃO
CRISTÓVÃO.**